

Imagens do mar na poesia portuguesa: Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Florbela Espanca

Images of the sea in portuguese poetry: Camilo Pessanha, Fernando Pessoa and Florbela Espanca

Luciane da Mota Frota*

Resumo

O presente artigo tem como pretensão fazer um estudo sobre as imagens do mar em autores da poesia portuguesa. São eles: Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Florbela Espanca. A partir de alguns poemas escolhidos destes representantes da poesia de Portugal, busca-se, então, estabelecer uma análise crítica de como o mar será representado nos textos e quais são as relações destas imagens com a história do povo português. Que tradição traria o mar para ser tão cantado por inúmeros de seus poetas? Dentro desta perspectiva, é que se propõe a esta leitura crítica, no intuito de reler alguns dos poemas dos citados poetas portugueses a partir da recorrência de imagens marítimas.

Palavras-chave: Mar; Imagem; Glória. Decadência; Portugal.

Toda a história de Portugal, de acordo com uma tradição já repassada ao longo de anos, é construída a partir de um mito heróico e glorioso. É consenso geral que a nação portuguesa e todo o seu grande império se deu através do mar e das grandes descobertas marítimas. O mar será, então, na tradição cultural portuguesa, o sentido da glória e das grandes descobertas, e sua imagem se tornará, para

* Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

alguns autores, uma matéria vivificante e germinadora do fazer poético. Todos os grandes poetas portugueses cantarão o mar. Camões aos poetas contemporâneos, iremos encontrar na literatura portuguesa uma constante e recorrente construção poética marcada por referências à imagem do “mar português”.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2003), o mar é:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes, as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvidas, de indecisão, e que se pode concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 592).

O mar passará, então, a se configurar, em alguns poemas portugueses, como uma imagem muito recorrente, que representa um significativo papel na construção de todo um imaginário identitário e literário na obra de muitos autores portugueses. Esta imagem figura-se como a porta de entrada da glória e também da decadência de Portugal. Pelo mar, vieram todas as grandes conquistas, mas foi também através do mar que se deu a desgraça de Portugal. É justamente a partir da ideia de comparação entre os poemas dos autores escolhidos com a história portuguesa ligada aos sucessos e fracassos trazidos pelo mar que se justifica a análise em questão.

A imagem do mar que será resgatada na poesia portuguesa poderá ser interpretada como uma representação antagônica e também como um estado de angústia do eu-lírico. É recorrente em Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Florbela Espanca a presença de um sujeito lírico sem chão e sem porto, buscando revelar, através do mar, a sua dor e o seu desencanto, principalmente, no que se refere a um passado glorioso e um presente já marcado pela decadência. A imagem do mar aparece, então, como um elemento carregado de contradições e significados que se opõem. Isso porque, de acordo com Alfredo Bosi (2000):

A experiência da imagem, anterior à palavra, vem enraizar-se no corpo. A imagem é enfim a sensação visual. O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter juntas a realidade do objeto em si e sua existência em nós. (BOSI, 2000, p. 19).

Para este citado autor, também a imagem caracteriza-se por uma confluência de tempos que marca a ação da memória e, ao mesmo tempo em que refaz o passado, convive com ele.

Esse resgate da memória, nos referidos poetas portugueses selecionados para o presente estudo faz-se presente com a imagem do mar, e, nesse sentido, é de se considerar que ela será retomada como signo marcadamente presente nos poemas destes autores, representando um elo entre passado glorioso e presente decadente na história de Portugal.

Camilo Pessanha, exemplo na literatura portuguesa de poesia simbolista, que, segundo Joaquim Ferreira, possui “temperamento de sonhador, que detesta a ação para não turbar a limpidez dos devaneios” (FERREIRA, 1971, p. 979), reconhece no mar a sua desnecessária calma. Assim, é importante se observar como o poema “San Gabriel” retoma, de maneira bastante significativa, os elementos marítimos:

Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram
Que de tão altas nos topes tremularam,
- Gaivotas que a voar desfaleceram.

Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram).
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi tão longe nos trouxeram?
(PESSANHA, 2002, p. 408)

Nos dois quartetos iniciais do poema, o eu lírico recupera, a partir da ligação com o mar, signos de decadência e de ausência, que podem ser tanto do poeta, como do seu próprio país também. Logo depois, pode-se notar que os tercetos trazem a esperança de volta para o povo português e essa é restaurada por “San Gabriel”, que deveria, novamente, abençoar o mar, responsável maior pelas conquistas de Portugal:

San Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar.
Vem-nos guiar sobre a planície azul.

Vem-nos levar à conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olha e! Parece o Cruzeiro do Sul!
(PESSANHA, 2002, p. 408)

É bastante nítida, ainda neste texto, a sensação de naufrágio do eu-lírico. O poema é um reconhecimento de fragilidade, um afundar-se na imensidão do abandono. Seus versos mergulham nas sombras deste oceano real e imaginário, símbolo de perda e de ausência, mas também de esperança.

Em outro poema, “Roteiro da vida”, o mar aparece como um caminho que o eu-lírico encontra para idealizar uma viagem de partida rumo a um destino incerto e desconhecido:

I
Enfim, levantou ferro.
Com os lenços adeus, vai partir o navio.
Longe das pedras más do meu desterro,
Ondas do azul oceano, submergi-o.

Que eu, desde a partida,
Não sei onde vou,
Roteiro da vida,
Quem é que o traçou?

Nalguma rocha ignota
Se vai despedaçar, com violento fragor...
Mareante, deixa as cartas da derrota.
Maquinista, dá mais força no vapor.
(PESSANHA, 2002, p. 409)

Nesse fragmento, notamos um eu desterrado que deseja o desterro da sua pátria, que quer se despedaçar violentamente em algum rochedo, numa tentativa de se encontrar sem ao menos saber de onde veio ou tão pouco qual itinerário seguir. O mar se torna, então, um aliado para esta nova conquista desenfreada deste sujeito lírico indeciso e sem rumo. Para Octavio Paz, “toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real.” (PAZ, 1996, p. 38). E, o real imaginário sugerido por Camilo Pessanha em suas imagens do mar se traduz, principalmente, por um sentimento de dúvidas diante da vida e talvez da própria pátria, que já perdera boa parte do seu rumo de glórias e vitórias.

Esse ideal saudosista, melancólico e ligado à natureza marítima de Camilo Pessanha será retomado mais tarde por outro poeta português, porém sob um novo olhar. Em seu livro **Mensagem**, Fernando Pessoa revela um eu lírico que se apresenta a partir de uma voz nacionalista e esta voz se transborda em imagens de

saudosismo e melancolia, pois “a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência daquilo que nos rodeia e de nós mesmos.” (PAZ, 1996, p. 48). A imagem do mar também será resgatada nos poemas deste autor, só que com uma intensidade, agora, bem maior. Pessoa delegará ao grandioso mar de Portugal a importância de um consagrado personagem na história da nação portuguesa. Navegando pelo mar o poeta vai desvendando o Império Português:

I. O infante
Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até o fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!
(PESSOA, 2002, p. 39)

Percebe-se, depois de lido o trecho, que o sujeito lírico retoma, através do mar, a focalização do passado, pois a glória de Portugal pode, sim, ser rememorada pelas lembranças. No entanto, nota-se, também com a leitura do poema citado, uma dupla significação para a imagem do mar. Isso, porque, segundo Octavio Paz, “cada imagem – ou cada poema composto de imagens contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca, ou reconcilia sem suprimi-los.” (PAZ, 1996, p. 38). Assim, no poema aparecem duas condições de sentido para o mar português, cantado por Pessoa.

Primeiramente, na segunda estrofe observa-se que o eu-lírico descreve toda a grandeza do navegador português que foi de uma ponta a outra do mundo conquistando povos e desbravando terras longínquas. Tem-se, neste momento, o primeiro sentido para o mar neste poema de Fernando Pessoa: o de vitórias, glórias e grandes conquistas.

Entretanto, na última estrofe, os versos trazem já um novo sentido para a representação da imagem do mar. O que aparece neste trecho é a sensação de

que, pelo mar, também se deu a desgraça e a decadência de Portugal: “cumpriu-se o Mar e o império se desfez”. É importante ressaltar, ainda, que o poeta grafa a palavra mar em letra maiúscula, destacando, dessa forma, o caráter simbólico dessa imagem, não somente para a sua poesia, mas também para a história de Portugal.

Em “Mar Português”, o mar é um personagem que representa a ampliação do espaço territorial português. O mar, no caso, é a representação maior do objetivo que os lusitanos tanto buscavam, como está no trecho abaixo:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
(PESSOA, 2002, p. 48)

O que fica evidente, nesta primeira estrofe, é que, para conquistar os oceanos, foi necessário muito sofrimento do povo português, lágrimas, saudades e esperas. Pode-se dizer que, para entrar na posse do mar, Portugal teve a necessidade de passar pelo sofrimento e pela dor representados pelo choro das mães, as preces dos filhos e a desilusão das noivas.

Em outras palavras, enfrentar as desventuras do mar impôs-se como uma necessidade, para que todo o império português pudesse chegar até a glória e realizar a conquista de um espaço maior.

Na segunda estrofe, o poema se apresenta como uma indagação se valeu a pena tanto sacrifício e se seus tesouros e territórios conquistados foram realmente positivos:

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(PESSOA, 2002, p. 48)

A conclusão, portanto, nesta estrofe de Pessoa é que esse percurso todo valeu a pena sim, pois o desejo de Portugal era grandioso. Era o fruto de uma

vontade e de um querer que não visava apenas a interesses imediatos, mas também transformar toda a história do seu povo e da nação. O poema de Fernando Pessoa descreve, assim, a valorização da conquista do mar, que, apesar da dor e do sofrimento, representa tudo aquilo que o povo português adquiriu, e só engrandece e enfatiza a sublimidade daqueles que desbravaram os mares, ou daqueles que ajudaram ou sofreram para que o mar fosse português.

Através da nostalgia, recordações e angústias da poetisa Florbela Espanca, cuja presença simbolista é muito forte, iremos, novamente, nos deparar com as imagens do mar. A poesia escandalosa e angustiada desta grande autora, da poesia portuguesa, clamará pela natureza todo o seu desespero existencial, uma vez que “a imagem é a cifra da condição humana”. (PAZ, 1996, p. 38). Serão vozes carregadas de mágoas e saudade, além de um eu-lírico sem esperanças, que tornam possível encontrar nos poemas de Florbela. Vejamos o seguinte trecho extraído do poema “Caravelas”:

Ceguei a meio da vida já cansada
De tanto caminhar! Já me perdi!
Dum estranho país que nunca vi
Sou neste mundo imenso a exilada

Tanto tenho aprendido e não sei nada.
E as torres de marfim que construí
Em trágica loucura as destruí
Por minhas próprias mãos de malfadada!
(ESPANCA, 1996, p. 129)

O eu lírico expõe-se, nos dois primeiros quartetos, como um ser angustiado, sem chão, fadado ao exílio deste mundo que não o compreende e que o faz se perder. No entanto, percebemos que o olhar lançado ao mar, personagem principal deste poema, também pode ser de alento e de esperança, pois, nos tercetos que o finalizam, aparece a imagem de caravelas gloriosas, lançadas ao mar e que não mais voltaram:

Se eu sempre fui assim este mar Morto:
Mar sem marés, sem vagas e sem porto
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...
Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei à vida e não voltaram!...
(ESPANCA, 1996, p. 212)

A imagem do mar aparece, nos poemas de Florbela Espanca, também a partir de elementos opostos e contraditórios, ora representando um estado desesperançoso, ora trazendo alguns lampejos de esperança. Segundo Gaston Bachelard:

A matéria, se deixa valorizar em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do impulso. No sentido do aprofundamento ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre. (BACHELARD, 2002, p.03).

A partir da consideração do filósofo, percebe-se que é possível depreender da construção poética da poetisa portuguesa que a imagem do mar aparece nestes dois sentidos. O do aprofundamento é ressaltado, pela referência, não à decadência ou ao sofrimento, mas sim a algo misterioso que leva o eu-lírico às sensações de perda. Já no sentido do impulso, o mar já se torna um milagre e será um amigo seu chamando por Camões, como aparece em “Vozes do mar”:

Quando o sol vai caindo sobre as águas
Num nervoso delíquio d'oiro intenso,
Donde vem essa voz cheia de mágoas
Com que falas à terra, o mar imenso?

Tu falas de festins, e cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas
Que dormem em teu seio a soluçar?

Tens cantos d'epopéias? Tens anseios
D' amarguras? Tu tens também receios
Ó mar cheio de esperança e majestade?!

Donde vem essa voz, ó mar amigo?...
...Talvez a voz do Portugal antigo,
Chamando por Camões numa saudade!
(ESPANCA, 1996, p. 217)

Se aparece o sentimento de desalento e mágoa no início do poema, nos tercetos finais o sujeito lírico já se sente nostálgico, porque a glória de Portugal pode ser retomada através das lembranças. Florbela Espanca, assim, utiliza as imagens do mar para cantar as belezas de Portugal e também para falar de tristezas e derrotas. É um canto de exaltação e de ufanismo, misturado com todo o sofrimento existencial do eu-lírico, cercado de tristezas e infortúnios.

Estamos, como se pode perceber, diante de três poetas distintos, cada um com sua forma e estética próprias, mas o que não devemos deixar de notar é que a experiência e as realizações portuguesas no ultramar serão referentes prioritários no fazer literário dos poetas escolhidos para esta leitura. Ler a poesia portuguesa e aqui, ressaltamos, que não somente os autores citados, é fazer um mergulho na expansão marítima de Portugal, tanto no que se refere aos momentos de glória, como também nas tristes imagens de decadência porque passou a nação portuguesa ao perder todo o brilho das grandes descobertas.

Então, conclui-se ressaltando que observar as imagens do mar na poesia portuguesa representa um objeto de estudo bastante relevante, pois equivale a uma verdadeira viagem imaginária juntamente com estes poetas, através dos caminhos percorridos pelos grandes navegadores. A partir daí, pode-se empreender, também, um mergulho na profunda dor existencial de Camilo Pessanha, que descobre no mar a sua “conquista final/ da luz, do Bem,” e “seu doce clarão irreal”. Ou, então, na mundividência, de acordo com Massaud Moisés (2002), que Fernando Pessoa desenvolveu, elevando-se como um sebastianista contagiado pelo desejo de, novamente, ver erguida a sua nação gloriosa dos tempos das grandes descobertas. E, quem sabe, nos entrelaçarmos pelas renovadas esperanças de Florbela Espanca, que, mesmo apesar da dor e da angústia, ainda consegue enxergar no mar a sua “Tarde de oiro rútilo/ E a vaga esbelta que palpita e ondeia,/ Com uma frágil graça de menino”. E, como nos dizeres de Octavio Paz (1996), a imagem não tem a função de explicar, mas convida-nos a recriá-la e, conseqüentemente, a revivê-la. Dessa forma, pode-se dizer que uma comparação entre os poetas estudados é válida no que diz respeito à recriação da imagem do mar, como objeto de glória e de decadência, já que este mar representa uma marca maior na construção da identidade, tanto do eu-lírico, como do povo português.

Abstract

This article aims at making a study about the images of the sea in authors of the Portuguese poetry. They are: Camilo Pessanha, Fernando Pessoa and Florbela Espanca. From some of the poems chosen of this representative poets of Portugal, we seek to, then establish a critical analysis of how the sea will be represented in the texts and what the relations of these images with the history of the Portuguese people are. What tradition would bring the sea to be so sung by innumerable of its poets? Within this perspective is that they propose to this critical reading in order to reread some of the poems of the quoted Portuguese poets from recurring images of the sea.

Keywords: Mar; Image; Glory; Decadence; Portugal.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ESPANCA, Florbela. **Poemas de Florbela Espanca**. Org. Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Joaquim. **História da Literatura Portuguesa**. 4ª ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1971.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa através dos textos**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PESSANHA, Camilo. In: MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa através dos textos**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.